

As lâminas brilhavam, branco-azuladas contra branco-esverdeadas, chiando e zunindo quando encontravam uma à outra, e cortando metal ou qualquer outro material no caminho. Agarrando a grade com as duas mãos, lutando contra o rodado que lhe envolvia a mente, Mara observava fascinada o combate que se desenrolava na sala do trono. Era como uma versão distorcida daquela última visão do Imperador no instante de sua destruição, seis anos antes.

Com a exceção que daquela vez não era o Imperador que estava enfrentando a morte. Tratava-se de Skywalker.

E não era visão. Era real.

— Observe bem, Mara Jade — disse C'baoth, do alto dos degraus. — A menos que se curve à minha autoridade, algum dia enfrentará a mesma batalha.

Mara olhou de soslaio para ele. C'baoth observava o duelo que orquestrara com uma fascinação quase mórbida. Ela percebera isso em Jomark, no primeiro encontro. O trabalho que ele realizara para Thrawn fizera com que sentisse o gosto do poder e, a exemplo do Imperador, a quantidade abocanhada não fora suficiente.

Porém, ao contrário do Imperador, ele não se contentaria simplesmente com mundos e exércitos. O império dele seria mais pessoal, com as mentes dos habitantes reformadas segundo a concepção dele.

O que significava que Mara estivera certa em outro ponto: C'baoth era mesmo louco varrido.

— Não é loucura oferecer a riqueza da minha glória aos outros — murmurou ele. — É um presente pelo qual muitos morreriam.

— Você parece estar dando a Skywalker uma ótima oportunidade para fazer isso — resmungou ela.

Além das próprias memórias, ela percebeu o eco da estranha pressão que captava na mente de Skywalker e a presença marcante de C'baoth a dois metros de distância; tentar manter uma linha de raciocínio era como tentar controlar um veleiro numa tempestade.

Porém, havia um padrão mental que o Imperador lhe ensinara muito tempo atrás, um padrão para quando ele quisesse as instruções escondidas até mesmo de Vader. Se ela conseguisse clarear a mente mais um pouco...

Através do torvelinho, sentiu uma pontada de dor.

— Não tente esconder seus pensamentos de mim, Mara Jade — avisou C’baoth. — Agora você é minha. Não está certo a aprendiz esconder seus pensamentos do mestre.

— Então, já sou sua aprendiz, é? — indagou Mara, procurando ganhar tempo para mais uma tentativa. Desta vez conseguiu. — Pensei que antes eu precisasse ajoelhar a seus pés.

— Você está zombando da minha visão. Mas a verdade é que *vai* ajoelhar-se à minha frente.

— Assim como Skywalker, é isso? Quer dizer, se ele sobreviver...

— Ele será meu. Assim como a irmã dele e os dois filhos — afirmou o Mestre Jedi, com arrogância.

— Sei. E juntos irão curar a Galáxia — disse Mara, experimentando a zona de privacidade que criara em sua mente.

A barreira parecia funcionar. Se pudesse mantê-la apenas mais um pouco...

— Você me desaponta, Mara Jade — disse C’baoth, balançando a cabeça. — Acredita mesmo que eu precise escutar seus pensamentos para decifrar seu coração? Como os seres inferiores da Galáxia, você procura me destruir. Uma idéia tola. Será que o Imperador não lhe ensinou nada sobre o Destino?

— Ele não fez um trabalho muito bom nem ao ler o próprio destino — argumentou Mara.

Reparou que o coração batia forte enquanto observava C’baoth. Se aquela mente errática decidisse que ela representava um perigo verdadeiro e lançasse outra descarga de raios azuis...

O Mestre Jedi sorriu e abriu os braços.

— Você sente vontade de medir forças contra mim, Mara Jade? Pois faça isso.

Por um instante ela o observou, com vontade de tentar. Ele parecia tão idoso e indefeso; ela possuía sua barreira mental e o melhor

treinamento em combate desarmado que o Império podia providenciar. Só levaria alguns segundos...

Ela respirou fundo e baixou os olhos. Agora, não. Assim, com essas pressões e distrações a vantagem seria dele.

— Se você me matar agora, não vou poder me ajoelhar à sua frente — resmungou ela, deixando cair os ombros, em atitude de derrota.

— Muito bem — aplaudiu C'baoth. — Isso significa que você tem um pouco de sabedoria, afinal. Veja e aprenda.

Mara voltou-se para a grade. Mas não para observar o duelo. Em algum lugar lá embaixo estava o desintegrador que C'baoth arrancara de sua mão com a Força. Se conseguisse encontrá-lo antes que ele percebesse o que...

No piso inferior, Skywalker saltava outra vez para a passarela. O clone estava preparado para o movimento e impulsionou sua arma para cima, por trás. A lâmina azulada errou o corpo de Skywalker por milímetros, cortando o piso da passarela e uma das vigas de suporte que a prendiam ao teto. Com um ruído de arrepiar os cabelos, o metal cedeu ao peso de Skywalker, derrubando-o.

Chegou ao solo mais ou menos ereto, aterrissando sobre um joelho. Estendeu a mão e o sabre-laser, que ia contra o clone, mudou de direção. Realizou um arco para a mão de Skywalker...

E parou no ar. Skywalker realizou o esforço, os músculos de sua mão retesando-se à medida que a mente trabalhava.

— Assim, não, Jedi Skywalker — disse C'baoth, em tom de reprovação.

Mara olhou e reparou que a mão dele estava estendida na direção do sabre-laser flutuante. O clone, por sua vez, encontrava-se imóvel, como se soubesse que C'baoth estaria a seu lado no combate.

Talvez estivesse. Ou talvez seu corpo fosse apenas uma extensão da mente de C'baoth.

— Este duelo deve prosseguir até a morte — continuou C'baoth. — Deve ser disputado arma contra arma, mente contra mente, alma contra alma. Qualquer coisa menos do que isso indica que não possuem a sabedoria necessária para servir-me.

Skywalker era bom. Com a estranha pressão na mente ele deve ter sabido que não era páreo para a força de C'baoth. Mara sentiu a mudança sutil em sua concentração; e de repente ele balançou o próprio sabre-laser sobre o ombro, o curso da lâmina visando o cabo da arma flutuante.

Porém, se C'baoth não deixou Skywalker desarmar o oponente, também não iria permitir que a arma fosse destruída. Enquanto a lâmina luminosa descia, um pequeno objeto partiu das sombras à direita de Skywalker, acertando-o no ombro e deslocando-o o suficiente para errar o golpe. Um instante mais tarde, o velho Jedi arrancara a arma do controle mental de Skywalker, enviando-o para seu proprietário, do outro lado do aposento. O clone levantou o sabre-laser em posição de defesa; alerta, Skywalker começou a levantar, empunhando a própria arma, disposto a continuar o combate.

No momento, Mara não estava interessada no desenrolar da luta. No chão, talvez a dois metros dos pés de Skywalker, estava o objeto que C'baoth atirara contra ele.

O desintegrador de Mara.

Ela olhou para C'baoth, imaginando se ele a estaria observando. Não estava. Na verdade, não estava enxergando nada, pois os olhos pareciam desfocalizados em algum ponto elevado. Havia um sorriso infantil em seus lábios.

— Ela veio — sussurrou ele, a voz quase inaudível contra o sibilar dos sabres-laser. — Eu sabia que ela viria. Ela está aqui, Mara Jade.

C'baoth apontava na direção do turboelevador que haviam usado, os olhos fitos em Mara. Sem saber se seria capaz, ela desviou o olhar e fitou o ponto indicado. A porta do turboelevador abriu-se e Solo saiu com o desintegrador pronto. Logo atrás dele...

Mara prendeu a respiração e sentiu a tensão tomar conta de seu corpo. Era Leia Organa Solo, segurando um desintegrador numa das mãos e o sabre-laser na outra. Atrás dela, dois vornskr puxavam sua coleira, segura por... Karrde.

Organa Solo? E Karrde?

— Leia... Han... voltem — gritou Skywalker, acima dos ruídos da luta, enquanto os recém-chegados avançavam pela passarela, até a área principal do aposento. — E perigoso...

— Bem vindos, meus novos aprendizes! — gritou C’baoth alegremente, a voz engolindo a de Skywalker. — Venha a mim, Leia Organa Solo. Vou ensinar a você os verdadeiros caminhos da Força.

Solo tinha algo diferente em mente. Apoiou a mão sobre a grade, apontou e disparou.

Porém mesmo enlevado, um Jedi do poder de C’baoth não podia ser vencido com tanta facilidade. A arma de Mara saiu voando do chão para a linha de tiro, provocando uma chuva de fagulhas ao dissipar ali mesmo toda a energia do disparo. O segundo foi bloqueado da mesma forma; o terceiro acertou a fonte de energia da arma, tornando-a uma verdadeira bola de fogo.

O desintegrador foi arrancado da mão de Solo antes que ele tivesse oportunidade de disparar um quarto tiro.

E C’baoth ficou enlouquecido.

Gritou, um guincho horrível de raiva e traição, que pareceu incendiar o próprio ar. Mara encolheu-se quando o som lancinante feriu seus ouvidos.

E no instante seguinte, quase caiu por sobre a grade quando o equivalente do grito em termos de Força a atingiu.

Nunca havia experimentado nada parecido; nem com Vader e nem com o próprio Imperador. A ferocidade animal... a perda total de autocontrole... deram a Mara a impressão de que estava sozinha no meio de uma tempestade súbita e violenta. Onda após onda, a fúria abatia-se sobre ela, arrebatando a barreira mental que criara e inundando-lhe a mente com o que parecia ser ódio e dor. Ao longe, percebeu que Skywalker e Organa Solo se dobravam com o ataque; escutou ainda os uivos dos vornskr.

E das mãos esticadas de C’baoth irrompeu um feixe de raios.

Mara encolheu-se com a dor que Solo deve ter sentido ao ser atirado para trás, de encontro ao gradil. Através dos estalidos sinistros das faíscas, escutou Organa Solo chamando pelo marido e saltando para o lado dele, acionando o sabre-laser bem a tempo de aparar a terceira descarga com a lâmina esverdeada. Repentinamente, C’baoth colocou os braços para cima e as faíscas foram, de novo, emitidas.

Com um ruído de metal que se arrebatava, a passarela veio abaixo. Girando em torno no único suporte, avançou na direção de Organa Solo.

Ela viu, ou talvez o treinamento de Skywalker a tenha ensinado como usar a Força para antecipar o perigo. Enquanto o enorme peça de metal balançava em sua direção, ela deu um golpe para cima com o sabre-laser, cortando o suporte lateral da passarela, apenas o suficiente para que desviasse a parte central, que passou a alguns centímetros de Solo e caiu à frente de Karrde e seus dois predadores. Mas não houve tempo para livrar-se do pedaço que cortara. Acertou-lhe os ombros, derrubando-a ao chão e arrancando-lhe a arma das mãos.

— Leia! — gritou Skywalker, lançando um olhar angustiado na direção da irmã.

Pareceu ter esquecido da pressão debilitante em sua mente, pois sua luta passou de defesa mecânica para um furioso ataque. O clone recuou perante aquela energia toda, mal conseguindo bloquear os golpes mortais. Saltou para a escadaria, subiu dois degraus na direção de C'baoth, depois saltou para a guarita restante. Por um instante Mara pensou que Skywalker iria persegui-lo para lá, ou cortar a base da plataforma para derrubá-lo.

Contudo, ele não fez nenhuma das duas coisas. A meio caminho da subida na escada, o rosto brilhante de suor, Skywalker olhou para C'baoth com uma expressão que deixou Mara arrepiada.

— Você também procura me destruir, Jedi Skywalker? Tais pensamentos são ilusórios. Eu poderia esmagá-lo como a um inseto.

— Talvez... mas se fizer isso, vai perder a oportunidade de controlar minha mente.

— O que quer?

Skywalker voltou a cabeça para o lado da irmã e de Solo.

— Deixe que eles vão embora. Todos. Agora. Mara também.

— Se eu fizer o que pede? — indagou C'baoth.

Um músculo moveu-se involuntariamente no rosto de Skywalker. Seu dedo moveu-se e a lâmina do sabre-laser desapareceu.

— Deixe que eles vão embora... e eu fico.

Em algum lugar por perto iniciou-se um ruído de pancadas, adicionando um pulsar irregular aos sons macabros de respiração que sibilavam pela abóbada da caverna de clonagem. Talvez um rifle-desintegrador disparado contra metal pesado, pensou Lando, passando os olhos por todas as portas ao redor da passarela. Até então estavam

seguros, mas sabia que isso não iria durar. Os soldados não estavam atirando nas portas para se divertir e, com certeza, haveria uma sacola de explosivos a caminho.

Do outro lado da coluna de equipamentos, Chewbacca rugiu um aviso.

— Estou mantendo a cabeça baixa — garantiu Lando, espiando pela fresta entre dois tubos no labirinto multicolorido.

Onde estaria mesmo aquela conexão da bomba repulsora?

Localizou o ponto procurado e seu comunicador soou uma fração de segundo antes que o de Chewbacca. Esperando ouvir a voz de algum figurão do Império, ele atendeu:

— Aqui Calrissian.

— Ah, general Calrissian... vejo que Artoo teve sucesso em eliminar a interferência — declarou a voz precisa de Threepio. — Foi surpreendente quão pouco tivemos de fazer para...

— Diga a ele que fizeram um ótimo trabalho — cortou Lando. — Mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Os noghri me pediram para perguntar se não querem que voltemos para ajudar.

Mais um estrondo, desta vez mais forte.

— Gostaria que pudessem, mas não conseguiriam chegar a tempo — suspirou Lando, ouvindo mais um estrondo. — Vamos ter de sair daqui por nós mesmos.

Do outro lado da plataforma, o wookiee emitiu a própria opinião.

— Mas se Chewbacca quiser que a gente volte... — começou Threepio.

— Vocês não iriam chegar a tempo — interrompeu Lando, com firmeza.

— Diga aos noghri que se quiserem ser úteis podem ir até a sala do trono e dar uma ajuda para Han.

— É um pouco tarde para isso — murmurou uma nova voz.

Lando franziu a testa.

— Han?

— Não, é Talon Karrde — identificou-se o outro. — Vim com a conselheira Organa Solo. Estamos aqui na sala do trono...

— Leia está aqui? Mas que...

— Cale a boca e escute — cortou Karrde. — Aquele Mestre Jedi de Luke, Joruu C'baoth, também está aqui. Ele derrubou Solo e Organa Solo e está fazendo Skywalker lutar o que parece ser um clone dele mesmo. No momento não está prestando atenção em mim... estão conversando os dois. Mas sabe um pouco antes da gente tentar alguma coisa contra ele.

— Pensei que Luke tivesse garantido que a Força estava bloqueada.

— Estava. De algum jeito, C'baoth conseguiu restaurar a Força. Estão aí nos tanques de clonagem?

— Estamos sobre eles, sim. Por quê?

— Organa Solo sugeriu que poderia haver um grande número de ysalamiri espalhados pela área — informou Karrde. — Se puder arrancar alguns de seus nutrientes e trazê-los para cá, podemos ter a chance de impedi-lo.

Chewbacca soltou um rugido lamentoso e Lando sentiu o lábio se retorcer. Então aquele fora o motivo das centenas de explosões que haviam escutado antes.

— E muito tarde. C'baoth conseguiu que todos fossem destruídos. Houve um instante de silêncio.

— Compreendo. Acho que isso explica tudo. Alguma sugestão? Lando hesitou.

— Na verdade, não. Se pensarmos em alguma coisa, avisamos.

— Obrigado — disse Karrde, com voz fria. — Estarei esperando. Escutaram o estalido quando ele saiu do canal.

— Threepio, ainda está aí?

— Sim, senhor.

— Leve Artoo de volta a um terminal de computador — disse Lando. — Peça que ele faça todo o possível para manter os soldados fora do túnel de ar por onde viemos. Então você e os noghri comecem a vir nessa direção.

— Estamos saindo, senhor? — indagou Threepio, parecendo surpreso.

— Isso mesmo — confirmou Lando. — Chewie e eu estamos atrás de você, portanto é melhor andarem depressa se não quiserem ser



atropelados. E melhor avisar aqueles noghri que Luke mandou com os myneyrshi, também. Entendeu tudo?

— Sim, senhor — disse o dróide, hesitante. — E quanto a Mestre Luke e os outros?

— Deixe isso comigo. Mãos à obra!

— Sim, senhor — respondeu Threepio, desligando em seguida.

Quebrando o silêncio que se seguiu, Chewbacca fez a pergunta óbvia.

— Não acho que a gente tenha alguma escolha, agora — observou Lando. — Pela forma como Luke e Mara falaram sobre ele, C'baoth é pelo menos tão perigoso quanto era o Imperador. Talvez mais. Vamos tentar explodir essa coisa toda e, com um pouco de sorte, nosso Mestre Jedi vai junto.

O wookiee objetou.

— Não podemos avisá-los. A não ser depois que já esteja instalado e ativado. Se avisarmos alguém, C'baoth vai saber. E talvez tenha tempo para impedir.

Souu mais uma explosão.

— Vamos terminar logo com isso, Chewie — disse Lando, apanhando sua última carga.

Com sorte, teriam tempo de montar o dispositivo de ressonância arrítmica de Chewbacca antes que os soldados das tropas de choque entrassem. Com um pouco mais de sorte, poderiam sair vivos da caverna.

Com um pouco mais, conseguiriam descobrir uma forma de alertar Han e os outros antes que a montanha inteira explodisse sobre eles.

Por um bom tempo a sala do trono ficou silenciosa. Mara olhou para Skywalker, imaginando se ele tinha consciência do que estava dizendo. Oferecer-se para ficar ali, voluntariamente, com C'baoth...

O olhar de ambos se encontrou e, apesar da pressão na mente dele, foi possível perceber o medo. Ele sabia o que estava dizendo, sim. E estava consciente. Se C'baoth aceitasse sua oferta, iria de boa vontade com o Jedi louco. Sacrificando-se para salvar os amigos.

Incluindo a mulher que jurara matá-lo.

Ela desviou o olhar, sentindo-se incapaz de continuar a observar a cena. Deparou com Karrde, meio escondido atrás dos destroços da passarela, ajoelhado entre os dois vornskr. Falava com os dois, para tranquilizá-los depois da explosão de C'baoth. Examinou os animais, mas não lhe pareceram feridos.

O movimento de cabeça deve ter chamado a atenção de Karrde. Olhou para ela, o rosto impassível. Ainda acalmando os vornskr, ele inclinou a cabeça na direção de Solo e de Organa Solo. Franzindo a testa, Mara seguiu- lhe o olhar...

E ficou aturdida. Atrás da passarela caída, Solo se movia. Devagar, apenas alguns centímetros por vez, arrastava-se pelo assoalho.

Na direção do desintegrador que Organa Solo havia largado.

— Você está pedindo demais, Jedi Skywalker — avisou C'baoth, com voz suave. — Mara Jade será minha. Precisa ser minha. E o que o destino ordena, pela Força. Nem mesmo você pode se sobrepor a isso.

— Certo — disse Mara, encarando C'baoth, e tentando colocar o máximo de sarcasmo possível na voz. Precisava atrair a atenção de C'baoth, para que não reparasse no outro extremo do aposento. — Ainda preciso ajoelhar aos seus pés, lembra?

— Está me insultando, Mara Jade? — disse C'baoth, sorrindo para ela.

— Ainda acredita que sou assim tão iludido?

Sem deixar de observá-la, ele apontou um dedo.

E quando Solo esticava a mão para a arma, esta deslizou meio metro para fora de seu alcance. Da plataforma veio um leve ruído.

— Cuidado, Skywalker! — gritou Mara.

Ele girou, já acionando o sabre-laser, pronto a aparar o golpe. A coragem, ou a energia voltara ao clone, que estava a meio de um salto, com a lâmina voltada para baixo. As duas lâminas chocaram-se e o impacto impulsionou Skywalker para a borda da escadaria. Ele tentou manter o equilíbrio, mas caiu no degrau de baixo.

Mara olhou para Solo enquanto o clone atacava. Se o clone fosse apenas uma extensão da mente de C'baoth...

Mas, não. Enquanto Solo tentava outra vez apanhar o desintegrador, este deslizou mais uma vez para fora de seu alcance.

Mesmo que C'baoth estivesse gastando alguma energia no duelo, possuía concentração suficiente para brincar com seus prisioneiros.

— Está vendo, Mara Jade? É inevitável... eu vou governar. E com Skywalker e a irmã dele, você vai servir ao meu lado. E seremos grandes juntos.

A fúria passara, assim como o breve divertimento com os prisioneiros; era hora de retornar à importante tarefa de construir o Império.

De repente, ele deu um passo para trás, afastando-se da grade. Bem a tempo de evitar Skywalker, que caiu de costas, vindo do nível mais baixo, onde lutava. Aterrissou de costas para Mara, lutando para não perder o equilíbrio. Outro clarão, desta vez azul, e o clone saltou por sobre a grade, balançando sua arma. Skywalker recuou e, além dele, Mara viu C'baoth recuar também um passo. O clone continuou atacando quando atingiu o solo, em amplos arcos horizontais. Skywalker continuou recuando, sem se dar conta de que ia em direção a uma parede sólida de pedra.

Contra a qual ficaria encurralado.

Passaram por ela e Mara descobriu que C'baoth ainda a fitava.

— Como eu disse, Mara Jade. É inevitável. E com você e Skywalker a meu lado, as pessoas inferiores da Galáxia vão nos seguir como folhas ao vento. Seus corações e almas serão nossos.

Olhou para o outro lado da sala e gesticulou. Ainda abaixado atrás dos destroços metálicos, Karrde teve uma surpresa quando seu desintegrador saiu do coldre e flutuou pelo ar, na direção de C'baoth. A meio caminho de lá recebeu a companhia do sabre-laser que Organa Solo deixara cair e o desintegrador que Solo tentava alcançar.

— Assim como suas armas insignificantes — declarou o Mestre Jedi, estendendo a mão de forma casual para apanhar as armas e observando o combate, que se aproximava do desenlace final.

Era a chance pela qual Mara estivera esperando. Possivelmente a última chance que teria. Projetando a mente no caos circundante, focalizou os olhos nas armas que flutuavam pelo aposento, na direção das mãos de C'baoth. Sentiu o controle displicente que ele aplicava...

O sabre-laser de Organa Solo realizou um arco, vindo pousar em sua mão.

C'baoth girou para enfrentá-la, deixando os desintegradores caírem nas escadas.

— Não! — gritou ele, o rosto contorcendo-se com medo, confusão e pavor.

Mara sentiu-lhe o controle hesitante sobre o sabre-laser, mas ali também havia confusão e dessa vez ele não tinha o elemento surpresa a seu lado. No devido tempo, ele se recobriria do choque, mas Mara não tinha intenção de dar-lhe essa vantagem. Acionando a lâmina, ela atacou.

O clone deve tê-la escutado quando se aproximava; o som característico do sabre-laser não deixava margem a dúvidas. Porém, com Skywalker contra a parede, a tentação de terminar com um adversário primeiro foi grande demais para resistir. Vibrou novo golpe, a lâmina azulada penetrando na parede quando Skywalker abaixou-se...

E com um clarão típico, o cristal quebrou-se, revelando os componentes eletrônicos que explodiram, por sobre a cabeça e os ombros de Skywalker, direto no rosto do clone.

Afinal de contas, não era uma parede e sim um dos grandes monitores da sala do trono.

O clone Luke berrou, emitindo o primeiro som desde que Mara o vira. Girou na direção do som do sabre-laser, o rosto transtornado de dor e raiva, os olhos ainda ofuscados. Levantou a arma para atacar...

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Ela abaixou-se sob a lâmina luminosa, sem tirar os olhos do rosto do adversário. As feições que a haviam assombrado os pesadelos por quase seis anos. O rosto que o Imperador lhe ordenara destruir.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Pela primeira vez desde que encontrara Skywalker e seu asa-X danificado no espaço, ela deixou que a voz tomasse conta de sua mente. Com toda a força, girou seu sabre-laser e abateu o inimigo.

O clone caiu, logo depois de sua arma.

Mara olhou para ele... e respirou o mais fundo que pôde, pois a voz em sua mente desaparecera.

Terminara. Cumprira a última ordem do Imperador.

Finalmente, estava livre.